

## Educadores pela Paz 25 anos depois, a chama está viva

Allariz foi o local escolhido para as bodas de prata do Encontro Galego-Português de Educadores/as pela Paz, organizado pela nova escola Galega, Associação Galego-Portuguesa de educação pela Paz (AGAPPAZ), Faculdade de Ciências da educación da Universidade de Vigo (Ourense) e Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (pólo de Chaves), o XXV encontro decorreu nos dias 29 e 30 de Abril e 1 de Maio. o próximo realizar-se-á em Portugal, em 2012.

Vivemos um tempo de crise financeira, económica, política e social profunda. o desencanto de um mundo em que tudo vale e todos somos transformados em números, sem identidades e sem vizinhanças, desprezando os princípios éticos e indiferentes às desigualdades socioeconómicas e às exclusões étnico-culturais, faz parte do nosso quotidiano.

Apesar de tudo, estes encontros continuam vivos. A esperança não se perdeu e continuamos envolvidos por memórias vivas e vividas em torno dos ideais da educação para a paz, carregando as pilhas para sobreviver aos medos, às crises e desesperanças. Acreditamos que a pomba da paz chegará a um porto de abrigo – comunidades de aprendizagem – onde tudo começa a ter sentido. o tema escolhido (Estratégias e Recursos para trabalhar a Educação para a Paz) pretendeu contribuir para a valentia cívica de viver com o conflito, elegendo a cultura da não-violência para “acalmar” os mercados e investir na requalificação da democracia e na construção solidária do conhecimento através das comunidades de aprendizagem.

A sessão de abertura contou com Maria Lameiras, vice-reitora da Universidade de Vigo, que salientou a importância de “manter acesa a chama do trabalho pela paz, convertendo a sociedade num espaço de convivência pacífica”. Um desejo partilhado por Cristina Cid, vice-presidente da Câmara de Allariz, e Isabel Pérez, vereadora da cultura de Ourense, que referiram que “estas iniciativas são imprescindíveis para que educadores, professores e comunidades assumam as suas responsabilidades na formação de pessoas livres e solidárias”. Xosé Manuel Cid, Carmen Simón e Américo Peres, responsáveis pela organização do encontro, sublinharam que “todos somos poucos para trabalhar nos caminhos da construção da paz”.

### Actividades múltiplas

Embora exista uma pedagogia da convivência já enraizada, os jogos cooperativos – um legado de Xesus Jares, desde 1986, quando os 36 docentes se reuniram pela primeira vez – pretendem criar um ambiente de proximidade humana e continuam a ser o mote de boas vindas aos participantes, fazendo parte da cultura identitária do encontro. estavam, assim, criadas as condições para sustentar a dor e a tristeza do falecimento recente de um grande obreiro destes encontros (Manuel Blanco) e lhe prestar uma justa homenagem, lembrando as suas qualidades na promoção da cultura da paz e da convivência nas escolas com a projecção de um vídeo sobre a sua actividade no Instituto de Leiras Pulpeiro (Lugo).

Ainda no primeiro dia, Rosa Valls Carol (Universidade de Barcelona) convidou os participantes à recuperação do papel da aprendizagem dialógica e da participação na transformação dos centros educativos como contributo para a regulação sociocomunitária da educação. Sublinhou, também, a sua participação como investigadora no programa Includ-ed, envolvendo 15 países e 96 centros educativos da União Europeia, cuja finalidade é analisar e avaliar as reformas educativas e o seu impacto nos momentos de crise social. As suas palavras rompem com algumas ideias pré-concebidas sobre os resultados escolares e a monopolização do conhecimento, permitindo um amplo debate em torno da educação para todos, contributo relevante para a inclusão e coesão social.

O segundo dia iniciou-se com espaços e tempos de reflexividade e partilha de saberes, experiências e emoções à volta de uma mesa-redonda em que Ana Moreira e Pedro Xavier (escola da Ponte, Vila das Aves), Carmen Simón (Instituto Lucus Augusti, Lugo) e Rosa Valls abordaram estratégias para uma convivência democrática. efectivamente, convém salvaguardar uma visão estratégica que promova a interiorização da cultura democrática, para que os saberes e poderes – os nossos modos de vida – sejam alargados numa dinâmica de liberdade, participação, respeito, justiça e solidariedade. neste sentido, foram criados quatro grupos de trabalho: recursos bibliográficos; recursos numa perspectiva de género; estratégias colaborativas; recursos para a mediação. o tempo foi pouco para aprofundar e debater os antecedentes e os processos de transformação e consolidação dos modelos dialógicos de convivência.

Todavia, o entusiasmo e a alegria eram visíveis nos rostos das pessoas dos diferentes grupos, antecipando a animação do passo seguinte – a largada da pomba e a “foto da paz”. Apesar da chuva, não faltaram as gaitas-de-foles, os tambores, as violas e o acordeão, anunciando que o amanhã será mais risonho e cheio de esperança se os valores éticos e da convivência pacífica – cultura da paz – forem interiorizados e vividos no quotidiano. Durante a tarde, além do funcionamento de diversas “oficinas”, houve lugar a uma visita guiada ao património natural, histórico e cultural de Allariz – cidade-património onde as pessoas e as coisas da vida sustentam a

pedagogia da hospitalidade; onde o contexto nos faz sentir seguros, confortáveis, participativos e felizes; onde, parafrazeando Zygmunt Bauman, se sente “tener una comunidade”.

Um dos momentos mais altos do encontro ocorreria com a experiência indizível e indescritível de um concerto didáctico de órgão, protagonizado por Marisol Mendive (Conservatório de ourense). E a culminar um dia pleno de emoções, ócio criativo, liberdade e paz, a noite fez-se com uma ceia de aromas e sabores galegos, carinhosamente oferecida pelo Con celho de Allariz, e com a Festa da Paz, onde, após tantos anos de convivência, as canções e as danças já são mestiças.

O 1º de Maio foi repleto de saudações aos trabalhadores e à revolução dos Cravos, ficando a sensação de que há dias em que o relógio anda depressa demais. Porém, ainda houve tempo para conhecer experiências e projectos de educação para a paz que galegos e portugueses desenvolvem em distintos contextos.

### **Textos e prospectiva**

Testemunhando a semente lançada à terra por Xesus Jares, Manolo Blanco, e tantos outros que assumiram as suas responsabilidades na construção da paz, vários livros foram apresentados, tendo como traço comum a cultura da paz.

Agora, a memória da “educação para a paz no ensino das Ciências naturais vai ficar mais viva” com a obra de Maria Emanuel Melo de Almeida, que teve o privilégio de ser orientada por Jares na sua tese de doutoramento – foi com muita emoção e com a voz embargada que apresentámos esta investigação, que foi publicada este ano pelas fundações Calouste Gulbenkian e da Ciência e Tecnologia.

“Música para Conviver”, de Javier Álvarez (director do coral da Universidade de vigo), cruza a pedagogia musical com a organização da vida na aula em clima de convivência e trabalho de equipa.

Maria Victoria Carrera (Universidade de vigo) apresentou os resultados da tese de doutoramento, em que problematiza a prevenção dos maus tratos entre iguais através da pedagogia crítica e do combate aos estereótipos e preconceitos de género. Patrícia Duval referiu a importância da cultura da não-violência no jardim-de-infância.

Nota: A organização do encontro agradece publicamente às instituições que colaboraram e apoiaram a realização do evento: câmaras de Allariz e Xunqueira de Ambía, pelouros da Cultura e da educação dos concelhos de Ourense e Lugo, Movimento dos educadores pela Paz de Portugal (MeP), vice-reitoria de Investigação da Universidade de vigo, Fundação vicente risco e A Página da Educação.

*Américo Nunes Peres*